

TURQUIA / Na reta final da apuração, presidente garantiu ter “clara vantagem” na corrida eleitoral, enalteceu a festa da democracia e falou em segundo turno. O opositor Kemal Kiliçdaroglu acusou manobra governista ao protestar contra votos



Eleitores fazem fila para votar em Antakya (sul)



Mesário mostra voto contabilizado, em Istambul



Também em Istambul, apreensão entre governistas



Eleitores de Kiliçdaroglu celebram, em Ancara

"Nosso povo é o vencedor", diz Erdogan

» RODRIGO CRAVEIRO

Uma das eleições mais tensas e disputadas dos últimos tempos na Turquia foi marcada pelo alto índice de comparecimento às seções — 88,83% dos 64 milhões de turcos aptos votaram — e por denúncias de bloqueio de votos. Até o fechamento desta edição, às 22h, com 97,77% das urnas apuradas, o presidente Recep Tayyip Erdogan tinha 49,35% dos votos, enquanto o candidato adversário Kemal Kiliçdaroglu, 44,98%. A imprensa turca apontava para a alta probabilidade de uma batalha eleitoral ser decidida apenas em nova rodada de votação, marcada para 28 de maio. Seria algo sem precedentes, uma vez que Erdogan sempre havia vencido em primeiro turno.

Às 2h20 de hoje (20h20 de ontem em Brasília), Erdogan discursou do lado de fora do quartel-general do AKP, em Ancara, e declarou: “Ainda não sabemos se a eleição será concluída no primeiro turno, mas se o povo nos levar para um segundo turno, também respeitaremos isso. (...) Nosso povo é o vencedor, independentemente do resultado”. O presidente aproveitou para provocar o candidato rival. “Alguém está na cozinha, nós estamos na varanda”, ironizou, em alusão aos vídeos gravados por Kemal Kiliçdaroglu na cozinha, uma tentativa da campanha de humanizar a sua imagem ante os eleitores.

Erdogan assegurou ter “clara vantagem” na apuração. A aposta do homem que governa a Turquia há duas décadas está no voto dos cidadãos que vivem no exterior — 55,47% tinham sido contabilizados. Ele celebrou a vitória da coalizão governista nas eleições parlamentares, ao anunciar que a aliança entre o AKP, o ultranacionalista MHP e facções islamitas conseguiram a maioria no Parlamento.

“Nosso país tem uma festa da democracia completa nessas eleições. Ainda que os resultados não sejam claros, estamos na liderança, de longe. Os resultados das votações domésticas e estrangeiras levarão tempo para chegar”, explicou o presidente. “Sempre fomos honestos (...), sabemos que estamos muito à frente nas eleições de hoje, mas esperamos os resultados exatos.”

Kiliçdaroglu acusou o AKP de bloquear a apuração, ao apresentar objeções aos resultados onde a oposição teve um número mais alto de votos. “Não bloqueiem a vontade da nação. Deixem os resultados virem e que todos os conheçam. O país não tem mais paciência para a instabilidade”, recomendou. Durante a madrugada de hoje, depois do discurso de Erdogan, ele prometeu vencer no segundo turno. “Se a nação decidir pelo segundo turno, nós certamente venceremos. A vontade de mudança na sociedade é maior do que 50%”, disse.

Morador de Bodrum (sudeste), o empresário Fatih Guner, 41 anos, afirmou ao **Correio** que as eleições ganharam importância pelo fato de o AKP, partido conservador e islamita de Erdogan, ter iniciado uma escalada autoritária em 2015. “A oposição, neste ano, tem uma poderosa oportunidade para quebrar a hegemonia do AKP. No entanto, parece que a opinião pública não está alinhada com ela. Não acho que Kiliçdaroglu seja o nome ideal para derrotar Erdogan”, alertou.

Guner afirmou que o comparecimento às urnas, na Turquia, é tradicionalmente um dos maiores do mundo. “Nós vamos depositar nossos votos, esperamos que sejam contados e temos que vigiar cada voto para fazer com que não seja roubado pelo partido governista. Nós, turcos, sempre achamos que, para a democracia funcionar melhor, temos que votar.”

Umit Bektaş/AFP



Ainda que os resultados não sejam claros, estamos na liderança, de longe”

Recep Tayyip Erdogan, presidente da Turquia e candidato do islamita e conservador AKP

Bulent Kilic/AFP



Se nossa nação decidir pelo segundo turno, nós certamente venceremos”

Kemal Kiliçdaroglu, candidato opositor do social-democrata laico CHP

QUÊNIA

Seita do jejum matou crianças antes; 600 fiéis desaparecidos

Em um dos vídeos usados para arrebanhar fiéis por meio da internet, Paul Nthenge Mackenzie — o taxista que se autoproclamou pastor e fundou a Igreja Internacional da Boa Nova — declarou: “Há pessoas que não querem nem mesmo pregar sobre Jesus; elas dizem que seus filhos choram porque estão com fome e deixem-nas morrer”. “Há um problema nisso?”, acrescentou. O líder da seita que manipulou centenas de fiéis a jejuarem até a morte, na Floresta de Shakahola, no leste do Quênia, determinou que as crianças morressem primeiro. Segundo testemunhas, a ordem era para que os pequenos fossem expostos ao sol e não recebessem comida, até que o organismo entrasse em colapso. As próximas pessoas da lista eram as mulheres.

Até o fechamento desta edição, 201 corpos tinham sido retirados de 200 covas coletivas. No entanto, pelo menos 600 fiéis seguem desaparecidos. Caso essas pessoas sejam confirmadas mortas, o massacre que chocou o Quênia se aproximará, em número de vítimas, ao suicídio coletivo planejado e executado por Jim Jones, fundador e líder da seita Templo dos Povos, estabelecida em Jonestown, na Guiana. Em 18 de novembro de 1978, Jones ordenou a 951 seguidores que ingerissem um ponche de frutas misturada com cianeto — 918 deles morreram. O corpo do pastor foi encontrado com um tiro na cabeça.

O escândalo no Quênia tornou-se conhecido graças ao empenho de Hussein Khalid, diretor executivo da organização não governamental Haki Africa. Familiares dos

Simon Maina/AFP



O “pastor” Paul Mackenzie em audiência no tribunal de Mombasa

seguidores de Mackenzie procuraram o escritório da ONG, na cidade de Malini, e denunciaram o sumiço dos parentes. “Fomos até a Floresta de Shakahola, onde nos deparamos com corpos e outros fiéis, ainda vivos. Aqueles que foram resgatados nos revelaram que outras pessoas tinham morrido e nos levaram ao local dos sepultamentos”,

disse Khalid ao **Correio**, no mês passado. O tema ganhou repercussão nacional.

Para Khalid, o massacre de Shakahola mostra que os quenianos vivem em tempos muito desesperados. “Muitos estão suscetíveis a ideologias religiosas radicais. O alto custo de vida e os desafios que enfrentamos

Yasuyoshi Chiba/AFP



Corpos carregados após a exumação, na Floresta de Shakahola

em nosso país deveriam levar o governo a proteger os cidadãos de serem manipulados”, disse o ativista à reportagem, anteontem. Titus Katana, ex-pastor da Igreja Internacional da Boa Nova, ajuda a polícia nas investigações. Ao jornal *The Sunday Times* ele contou que as crianças também eram trancadas dentro

de cabanas por cinco dias, sem água nem comida. “Então, eles as envolviam em cobertores e as enterravam, mesmo as que respiravam”, relatou. Após a exumação dos corpos, as autoridades descobriram que alguns dos fiéis foram asfixiados e estrangulados. Cadáveres também foram encontrados sem os órgãos internos. (RC)